



Evento	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Sem palavras na ponta da língua: saúde mental coletiva, pedagogia e gagueira
Autor	GISELE VICENTE DA SILVA
Orientador	LUCIANO BEDIN DA COSTA

Este trabalho de conclusão de residência multiprofissional em saúde mental coletiva se inscreve em narrativas de percursos. Pretende em processos de desmanches de palavras provocar um gaguejar da língua multiprofissional em saúde mental coletiva. Trabalho feito de encontros com Roland Barthes e sua abordagem acerca da teatralização da língua, com Manoel de Barros a escovar palavras para ouvir seu primeiro sussurrar e Jorge Larrosa com sua ideia de sujeitos enquanto viventes de palavras. Apresenta, sem palavras na ponta da língua, a pedagogia, a saúde mental coletiva e seus gaguejares. Com palavras de titubear trajetões em estar residente, perguntar: qual o lugar da pedagogia na saúde mental coletiva? Em atos de saúde, a pedagogia chega nova sem ser novidade: ela chega entre espaços de não estar. De pensamentos nômades, uma pedagogia em saúde mental coletiva pode emergir de práticas mestiças, do gaguejar de palavras, do trincar da língua.

A pedagogia na saúde mental coletiva anda murmurando. Balbucia um linguajar tentando marcar alguma entonação. Então a própria língua de uma pedagogia põe-se a gaguejar. De pensamentos nômades, uma pedagoga se desequilibra e cambaleante compõe palavras: “gaga de nascença e, no entanto tinha algo a dizer” (Deleuze, 2008, p.123). A pedagoga quer saber, será possível fazer nossa língua gaguejar? Ela entende que coletivos multiprofissionais fazem a língua deslizar, bifurcar e variar em cada uma de suas palavras.

Buscar tem sido todo o seu caminho: em texto-composição, texto-vazado, texto-silêncio-de-palavras: pensar quais palavras compõe a saúde mental coletiva é exercício desta escrita. Exercício que se faz de um texto que “já não tem a frase por modelo; é amiúde um potente jato de palavras” (Barthes, 2010, p.13). Em jatos de palavras, um tanto descontínuo, pensado para ser simples, este trabalho não conclui e não impõem: ele escuta.

Bocas de ouvir nossas palavras em coletivos multiprofissionais para com pés de se olhar, ver quais realidades atualizamos com nossas palavras. Assim, na proposição de práticas de desmanches de palavras, esta escrita convida a fazer gaguejar nossos conceitos em saúde mental. Entre frases, enunciados, referências, experiências, imagens e fabulações, cultivar espaços vazios para a ausência de palavras.

Escovar palavras. Como o arqueólogo sentado na terra a escovar osso por amor, escovar o texto por prazer, entregar-se a fruição da palavra pelo gozo, repensar a língua e se possível desmontá-la: porque fomos nós que a inventamos! Estar como alguém que, num processo de raspagem da palavra dita em saúde mental faz desse exercício, também, os modos, processos e dinâmicas para a efetivação da multiprofissionalidade, da prática coletiva. Seria então, todo movimento de fazer fissuras, pelo gosto de tirar em lascas todo excesso que a palavra carrega.

Pensar nossas palavras, escovar sílaba por sílaba pelo prazer do desmanche de fonemas sons de ritmos e o aparecimento de vazios de ecoar silêncios, é potência de coletivos e na multiprofissionalidade em saúde mental coletiva, saber que as palavras sofrem decomposição por gosto. A pedagoga intui que, em processos de composição, derivação e ensaio de palavras, é possível um gaguejar de conceitos e práticas em saúde mental coletiva, onde outras línguas podem fazer desinstitucionalizar palavras de aprisionar.

Jeito simples para dizer que as palavras da saúde mental coletiva não são elementos fixos *entre línguas*, em práticas de saúde multiprofissionais. Nossas palavras não são ingênuas e não dependem de uma lógica de entendimento: nossas palavras são *derivas*. Qualquer coisa sem lugar, sem fixação. Qualquer movimento sem língua. Nenhuma mentalidade. Nenhuma palavra. “Qualquer coisa de *neutro*? É fácil ver que o prazer do texto é escandaloso: não porque é imoral, mas porque é *atópico*.” (Barthes, 2010, p.30)

A produção de atos terapêuticos em equipes multiprofissionais desafia nossa estrutura de pensar práticas especialistas de cuidado. Esvaziar palavra é possibilitar atos de saúde em outras perspectivas que, diferente de paradigmas, servem para tirar da ponta da língua nossas palavras colocadas em prática para estabelecer o cuidado com o outro, colocando-nos ativos nos processos de mestiçagem, como intercessores.

Uma vez no lugar mestiço, inventar palavra que devolva alteridade do usuário, palavra que experimente em equipe a novidade, palavra que afirme a vida, palavra que traduza o “cuidado, tratamento e escuta como potências de invenção, como critério dos valores de atenção à saúde, como constituição de sentidos expansivos da vida e das aprendizagens para autoprodução de si e do mundo...” (Ceccim, 2008, p. 277)

Referências - Barthes, Roland. *O Prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2010; Ceccim, Ricardo. Equipe de saúde: a perspectiva entre-disciplinar na produção de atos terapêuticos. In.: Pinheiro, Roseni; Mattos, Rubens Araújo de (org). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. Rio de Janeiro: CEPESC/UERJ, ABRASCO, 2008; Deleuze, Gilles. *Conversações*; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 7ª Reimpressão, 2008.